

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
8 de Março de 2024  
RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (parte II)

## COFRALANDES: RAPSODIA CHILENA 1 - HOY EN DIA / 2002

*Um filme de Raul Ruiz*

*Argumento:* Raul Ruiz / *Imagem (mini-dv, cor):* Inti Briones e Raul Ruiz / *Música:* Jorge Arriagada, Alfonso Leng, René Amengual / *Montagem:* Jean-Christophe Hym, Raul Ruiz / *Som:* Santiago Vergara / *Interpretação:* Bernard Pautrat (o escritor francês), Malcolm Coad (o jornalista inglês), Rainer Krause (o artista alemão), Raul Ruiz (narração).

*Produção:* Ministério da Educação do Chile e RR Producciones, com a colaboração de Gemini Films e Margo Films / *Cópia:* digital (suporte original) versão original com legendas em francês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 81 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Montréal, 30 de Agosto de 2002 / *Inédito comercialmente em Portugal:* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*\*\*

*Pátria minha, cuja doçura  
é uma arma que não perdoa.  
Pier Paolo Pasolini,  
citado em epígrafe ao filme*

**Cofralandes: Rapsódia Chilena** é o filme que marca verdadeiramente o reencontro cinematográfico de Raul Ruiz com o Chile. A situação política do país começou a normalizar-se em 1988, com a derrota de Augusto Pinochet num plebiscito que ele convocara para permanecer mais tempo no poder (naturalmente, pensou que fosse vencê-lo...) e voltou ao normal com a eleição presidencial de 1990. Neste mesmo ano, Ruiz realizou no Chile **La Telenovela Errante**, mas o filme ficou inacabado e só seria completado em 2017 por Valeria Sarmiento. Um segundo trabalho chileno pós-exílio, **Basta la Palabra** (1992) também ficou inacabado. Ruiz continuou a sua prolífica carreira em variados países (França, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Suíça, Itália, Portugal, com uma passagem pela Colômbia), mas só em 2001 levaria a termo um trabalho cinematográfico no seu país natal, com **Cofralandes**, um dos seus filmes mais pessoais. Esta tetralogia, de um total de cerca de cinco horas de duração, circulou em festivais de prestígio, como os de Montréal e San Sebastián, mas teve pouca ou nenhuma circulação comercial, o que faz com que tenha sido pouco comentada, levando-se em conta de que desde os anos 90, pelo menos, os festivais transformaram-se num circuito paralelo de distribuição para um certo tipo de cinema.

Não por acaso para um filme que marca a volta deste chileno ao ato de filmar no Chile, **Cofralandes** tem como tema a descoberta do espaço chileno - o espaço humano mais do que o geográfico - e, de modo indireto, o exílio ou expatriação. Como tantos exilados, chilenos ou não, que conseguiram reconstruir as suas vidas, depois de poder voltar ao seu país Raul Ruiz preferiu continuar a viver fora dele, passando assim de exilado a expatriado, mas o tema da redescoberta de um espaço perdido é evidente no filme. Por outro lado, os três viajantes estrangeiros – um escritor francês, um jornalista inglês e um artista alemão – que percorrem o Chile estão temporariamente “exilados”, longe dos seus países, num espaço que Ruiz mostra como sendo ao mesmo tempo banal e muito insólito: aqui, o Chile transforma-se no mítico território de Cofralandes. O próprio título deste primeiro episódio, **Hoy en Dia**, tem conotações com o tema do exílio, com a constatação subjacente de que algumas ou muitas coisas mudam durante os anos em que alguém é forçado a viver longe do seu país. Ruiz é um grande efabulador, mas aqui efabula a partir de um olhar sobre o vasto mundo, sobre a assim chamada *realidade*

(que, como todos sabemos, não raro ultrapassa a ficção) e não no interior de um mundo literário mais ou menos identificável e de uma erudição esmagadora, verdadeira ou fingida (ao evocar, numa conferência coligida em *Poétique du Cinéma*, o “tédio” que os seus filmes suscitam em alguns espectadores, ele justifica-se citando a definição de diversos tédios por um teólogo do século IV...) . Isto afasta totalmente **Cofralandes** do maneirismo e de um certo grau de deliberada impostura que marcam os filmes que consagraram Ruiz internacionalmente, como **Les Trois Couronnes du Matelot** ou **La Ville des Pirates**, que apostam no sonambulismo do espectador e nas capacidades hipnóticas do cinema. Aqui, em imagens chãs, nos antípodas dos maravilhosos artifícios de que são capazes os grandes diretores de fotografia, vamos as aparências da realidade e, muito mais longe, os mundos que se desdobram por detrás dela.

Trata-se de um filme de viagem, mas não de um *road movie*, de uma viagem a esmo, uma errância pontuada por pequenas aventuras e desventuras. Cada um dos três viajantes veio para o Chile/Cofralandes por uma razão precisa, como o espectador descobre aos poucos: o francês veio preparar o terreno para uma reportagem; o inglês veio investigar uma “epidemia” de suicídios, que se deslocava de uma cidade para outra; o alemão veio simplesmente porque se casou com uma chilena e é o único que não se contenta em olhar: desenha aquilo que vê. Neste primeiro episódio sabemos que estamos no Chile, em diferentes lugares, mas não exatamente onde. Contrariamente ao que faria um documentarista e apesar de Ruiz ter estudado com o célebre documentarista argentino Fernando Birri no seu período de formação, não são dadas informações e muito menos explicações: as coisas simplesmente são, neste filme extremamente livre, mas claramente construído. Há um grupo de homens num jardim, vestidos de Pai Natal (e no hemisfério sul o Natal tem lugar no Verão), que a dada altura juram “*defender esta barba*” e que mais tarde vemos prostrados no chão (devido ao calor?), enquanto um grupo de mulheres dança; no mesmo jardim há um grupo de empregados de mesa em fila indiana, cada qual com uma bandeja na mão, como se fossem disputar uma corrida; há pessoas que gritam “*Vivam as portas e morte aos cegos*” e outras que replicam “*vivam os cegos, morte às portas*”, no que podemos considerar um eco do amor do jovem Ruiz pelo teatro de Eugène Ionesco, no qual as palavras acabam por perder o sentido; há um gago entrevistado, uma mulher que pensa estar sendo ameaçada por um gago (o mesmo?), um homem que adverte que ela é um pouco estranha e relembra pequenos percalços dos tempos de Allende (“*as mulheres das Juventudes Comunistas eram bonitas, mas para namorá-las eram preciso ser revolucionário*”); há um filólogo que explica as diferenças entre o espanhol chileno e o espanhol europeu e alguém que alude à miscigenação do país: há uma discussão sobre moluscos seguida de um plano sobre lagostas e caranguejos à venda, sobreposta a um texto sobre o Juízo Final, que era iminente para aqueles saborosos animais... Nenhum destes episódios é artificialmente insólito nem é levado a termo, o que faz todo o sentido num filme que é organizado como um périplo num território onde a realidade e a imagem se confundem, mas não como uma visita a um vasto gabinete de curiosidades e sem os artifícios de que Ruiz por vezes abusara no passado, deliberada e conscientemente. A imagem tem toda a singeleza de um trabalho documentário (neste primeiro episódio todas as sequências são diurnas e quase todas de exterior) e não é certamente preciso enfeitar o que vemos, pois como observou Massimo Causo num, texto em *Filmcritica*, Ruiz “*que acompanha, ou melhor, como uma criança que sente medo, que se faz acompanhar pelos três viajantes*”, tenta “*elaborar a ânsia de não mais aderir à substância do seu lugar e fez um filme no qual os interstícios entre ver no perímetro da objetiva e sentir no espaço da consciência, são preenchidos pelo sussurro emotivo do realizador*”.

Antonio Rodrigues